

05. Esc. Mun. Carlos Aloysio Hoppe; Linha Rio Pequeno; profª Glardis Bechert; 25 alunos; 1ª a 4ª série.
06. Esc. Mun. Carlos Boettcher Filho; Linha Rio Pequeno; 36km, prof. Adao Carvalho; 103 alunos; pré-escola a 5ª série.
07. Esc. Mun. Cruzeiro do Sul; Linha Verão; 29km; profª Carmen Swarowsky; 25 alunos; 1ª a 4ª série.
08. Esc. Mun. de 1º Grau Incompleto Euclides da Cunha; Linha Desiderio; 45km; profª Glaci Geske; 27 alunos; 1ª a 4ª série.
09. Esc. Mun. José Bonifácio de Andrade e Silva; Linha São João; 32km; profª Sueli Kern; 41 alunos; 1ª a 4ª série.
10. Esc. Mun. de 1º Grau Incompleto Menino Jesus; Linha Almeida; 46 km; profª Valdete Wojahn; 30 alunos; 1ª a 4ª série.
11. Esc. Mun. de 1º Grau Incompleto Padre José de Anchieta; Linha Rio Grande; 40 km; profª Lourdes Gelsdorf; 20 alunos; 1ª a 4ª série.
12. Esc. Mun. de 1º Grau Incompleto Pinheiro Machado; Linha Primavera; 34 km; prof. Hiloi Knod; 49 alunos; pré-escola a 4ª série.
13. Esc. Mun. de 1º Grau Incompleto Primavera; Linha Paredão; 45 km; profª Iraci Kuester; 1ª a 4ª série; 26 alunos.
14. Esc. Mun. de 1º Grau Incompleto Riachuelo; Linha Pintado; 50 km; prof. Clovis Behm; 15 alunos; 1ª a 4ª série.
15. Esc. Mun. de 1º Grau Incompleto Santa Terezinha; Linha Cava Funda; 41 km; profª Edi Jost; 22 alunos; 2ª a 4ª série.
16. Esc. Mun. Santos Dumont; Linha Alto Sinimbu; 34 km; profª Soeli Iser; 51 alunos; 1ª a 4ª série.
17. Esc. Mun. Vereador Erich Kuentzer; Linha Cerro da Mula; 36 km; profª Engratia Feise; 40 alunos; 1ª a 4ª série.
18. Esc. Mun. São Pedro; Linha Paredão São Pedro; 48 km; profª Maria Eich; 25 alunos; 1ª a 4ª série.
19. Esc. Mun. de 1º Grau Incompleto Vera Cruz; Linha Alto Rio Pequeno; 49 km; profª Lici Back; 13 alunos; 1ª a 4ª série.
20. Esc. Mun. Vicente de Carvalho; Linha Alto Rio

Pequeno; 53 km; profª Noeli Bachert; 31 alunos; 1ª a 4ª série.

21. Esc. Mun. de 1º Grau Incompleto 20 de Setembro; Linha Alto Rio Pequeno; 44 km; prof. José Armani; 15 alunos; 1ª a 4ª série.

22. Esc. Mun. de 1º Grau Incompleto Pastor Willi Hermann Schiemann; Linha Inverno; 28 km; profª Mônica Ruhoff; 18 alunos; 1ª a 4ª série.

Das vinte escolas municipais, quatorze são unidocentes.

Ao todo, somaram-se 1030 alunos.

Os questionários foram, então, mimeografados. Em contato com a SMEC, em dia de reunião de professores, obtivemos permissão para nos dirigir aos de Sinimbu, explicando-lhes o objetivo do nosso trabalho e solicitando sua colaboração para a aplicação dos questionários. Os mesmos poderiam ser aplicados de setembro a novembro de 1985. Cada item foi explicado minuciosamente; após, distribuíram-se para cada escola, sempre no número aproximado correspondente ao de alunos por escola, já que, até aquele momento, não se tinha conhecimento de quantos alunos de origem alemã havia em cada uma delas, nem quantos desses tinham irmãos estudando com eles (pois o informante seria o pai ou responsável); e também não se sabia quantos se recusariam a preencher os quatro questionários. Distribuiu-se ainda, para cada professor, uma folha com instruções acerca das questões que poderiam vir a oferecer dúvidas. É mais: ficou combinado que visitaríamos todas as escolas durante esse período, uma, duas, quantas vezes fossem necessárias, para um melhor acompanhamento. Procurou-se, deste modo, evitar problemas de preenchimento incorreto, alertados por Dorian.

Da mesma forma, preparou-se o questionário para as autoridades religiosas, as quais, em número de quatro, foram visitadas pessoalmente.

As visitas às escolas começaram a ser feitas. O esquema era o seguinte: em determinados dias, durante a semana, e sempre que o tempo permitia (a estrada não é asfaltada), saíamos de Santa Cruz de manhã - por volta de 7h e retornávamos ao meio-dia. Às vezes, invertíamos o horário: se a escola a ser visitada ficava muito distante do centro, ou ainda, se a escola só funcionava à tarde, encetávamos viagem no início da tarde, retornando à noitinha, já que, à noite, tínhamos de lecionar na Faculdade.

A colaboração dos professores é digna de registro; a maioria deles orientou o preenchimento dos questionários, após detectados os informantes de origem alemã, em reuniões

do círculo de pais e mestres; um deles inclusive nos relatou ter visitado pessoalmente os informantes em suas casas (escola Pinheiro Machado).

Dos 1030 alunos, 481 informantes preencheram os questionários, o que dá uma porcentagem de 46,69% de questionários preenchidos e devolvidos; é insignificante o número de informantes que se recusaram a preenchê-los, não tendo chegado a vinte (foram dezessete). A grande maioria dos pais em questão, por outro lado, têm mais de um filho na escola.

Nessa primeira etapa da pesquisa, rodamos exatos 626 km. Neste ponto cremos ser pertinente uma observação relativa ao custo de uma pesquisa deste tipo, mormente quando realizada com recursos particulares. Para se ter uma idéia mais precisa, apenas as matrizes a álcool foram fornecidas pela Faculdade: o papel (cerca de seis mil folhas), o combustível do fusca (cerca de mil e trezentos quilômetros nas duas etapas), os danos com o veículo (perda do tampo do óleo, o que destruiu o motor, que precisou ser trocado; danos na lantaria, devido ao mau estado das estradas, o que custou uma pintura nova, ao término da pesquisa; farol quebrado, em vista de um atropelamento de uma galinha, pois, no interior, os animais andam à solta), mais a aquisição de treze fitas cassete para as gravações, no cômputo geral, chegaram a uma soma considerável. Queremos, com esta observação, alertar para a necessidade de este tipo de pesquisa ser realizado por uma equipe, especialmente treinada para tal e, de preferência, patrocinada por algum órgão, considerando-se a relevância de tal espécie de estudo, sob o ponto de vista sociolinguístico.

2.1.1 Questionários para autoridades religiosas

Em Sinimbu existem paróquias religiosas funcionando normalmente, como já tivemos oportunidade de relatar. As confissões que congregam maior número de fiéis são, respectivamente, a IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), a Igreja Católica e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil. As autoridades religiosas, chamadas a colaborar, prontamente aquiesceram. A análise dos dados por elas fornecidos comprovam a expectativa inicial que constituiu o 4º distrito para objeto desta pesquisa: a grande maioria é de origem alemã, conforme o quadro abaixo.

Nº de famílias	Percentual seg.compos. étnica				
	luso-bras.	alemães	ital.	outros	
IECLB	916	1,5%	96,2%	1,3%	1,0%
Igreja Católica	740	25,0%	75,0%	-	-
Igreja Luterana	116	-	100,0%	-	-

Os quatro religiosos - um padre, um pastor luterano e dois pastores evangélicos (ambos de nacionalidade alemã) - atendem de forma regular as localidades que formam comunidades organizadas, sendo os demais núcleos atendidos de maneira um pouco mais esporádica. Também os cultos da igreja evangélica são realizados, na maioria, em língua alemã, bem como as reuniões e a Ordem Auxiliadora de Senhoras, excetuando-se a escola dominical (no centro de Sinimbu), que é realizada em português.

Indagados sobre se seria recomendável que as escolas oferecessem alemão como língua estrangeira, nas regiões onde os descendentes de imigrantes ainda falem seus idiomas de origem, os quatro religiosos assim se manifestaram:

"Sim, pois sempre é bom falar diversas línguas. Como em quase todas as casas as famílias ainda falam o idioma alemão (ou o dialeto pomerano), seria bom aprender esta língua corretamente. Seria bom se a geração nova pudesse ler o que seus pais e avós escreveram e têm em literatura". (Pastor Klaus-Ulrich Werner).

"Sim, porque as crianças ainda falam alemão. Com um pouco de incentivo, poderiam aproveitar esta vantagem que elas têm. Mas precisam primeiro aprender a falar bem o português. Com a 4ª ou a 5ª série, poder-se-ia ensinar o alemão". (Pastor Arne Spiesswinkel)

"Sim, para poder acontecer a comunicação entre o mundo jovem e infantil com as pessoas de idade". (Padre Seno Wlecker)

"Sim, para não esquecer as raízes e dar valor ao passado histórico do imigrante; nessa região é importante falar a língua alemã; mesmo ao jovem que um dia vem para a cidade e procura trabalho, saber falar o alemão facilita". (Pastor Darcí André Roehrs - Igreja Luterana).

Confrontando os dados fornecidos pelas autoridades, fica confirmada uma das conseqüências oriundas da diferença de tratamento dado às duas Igrejas - Católica e Evangélica, desde os tempos da colonização: enquanto para aqueles eram providenciados ministros religiosos por parte do governo, o qual também construía suas capelas, os evangélicos, por seu turno, não possuíam ministros nem locais apropriados para o culto; contratavam leigos, quase sempre alemães, para realizarem as atividades religiosas na sua comunidade. Outro dado que nos chama atenção é a maior porcentagem de luso-brasilei-

ros (os "morenos", segundo o vigário da paróquia católica) membros da igreja católica, contrastando com sua ausência quase total nas demais. A conclusão é óbvia: estes dados confirmam que, entre os evangélicos, é maior, ainda hoje, o número de descendentes germânicos (que cultuam a língua alemã) que entre os católicos. Outro motivo para este fato, segundo depoimento do Pastor Werner, seria o fato de, durante muito tempo, as missas católicas terem sido rezadas em latim e português; já na igreja evangélica, principalmente no interior, é hábito, ainda hoje, celebrar os cultos em português ou alemão, alternadamente, ocorrendo o mesmo com os enterros e casamentos, conforme for o desejo dos fiéis.

2.1.2 Questionários para pais de alunos

Os questionários encaminhados pelas escolas, após sua devolução, foram, um por um, conferidos; para tanto, contamos com a colaboração de uma monitora, estudante do curso de Letras, que fez levantamento das respostas entre março e maio de 1986. Este levantamento, após, foi reescrito em longas listas de papel almaço.

Os 481 informantes - pais ou responsáveis por alunos de origem alemã; muitos desses pais com mais de um filho na escola-, respondendo questões tanto acerca de valores quanto de usos, evidenciaram o seguinte quadro, cujos aspectos mais significativos historiamos a seguir. A porcentagem é sempre arredondada, empregando-se apenas um fracionamento de 0,5, a fim de possibilitar melhor visualização, já que, no nosso entender, um fracionamento maior não intervém significativamente no cômputo geral.

2.1.2.1 Questionário nº 01

- Idade do Informante:

de 21 a 30 anos:	5,0%
31 a 40 anos:	43,0%
41 a 50 anos:	35,0%
51 a 60 anos:	9,0%
+ de 60 anos:	2,0%
não respond.:	6,0%

- Descendência:

alemã:	90,0%
cabocla:	5,0%
italiana:	- (01 informante)
outra:	- (02 informantes: um polonês e um castelhano)

não respond.: 5,0%

- Fala as línguas:

só português: 5,0%
português e alemão: 91,0%
português e italiano: - (01 informante)
não respond.: 4,0%

- Idade da mulher:

de 21 a 30 anos: 12,0%
31 a 40 anos: 45,0%
41 a 50 anos: 28,0%
51 a 60 anos: 6,0%
+ de 60 anos: 2,0%
não respond.: 6,0%

Um por cento dos informantes é do sexo feminino: 04
são viúvas e 01 não é casada.

- Descendência da mulher:

alemã: 90,0%
italiana: 4,0%
outra: 1,0% (04 lusitanas e 02 luso -
brasileiras)
não respond.: 4,5%

- Sua mulher fala as línguas:

só português: 8,0%
português e alemão: 89,0%
português e italiano: 0,5%
não respond.: 2,5%

- Quantos filhos seus residem na sua casa?

nenhum: 0,5%
01: 16,0%
02: 32,0%
03: 24,0%
04: 13,0%
05: 6,0%
+ de 05: 6,0%
não res.: 2,5%

- Idade do filho mais velho que reside em casa:

de 0 a 5a: 1,0%
5a1m a 10a: 24,5%

10a1m a 15a :	33,0%
15a1m a 20a :	25,0%
20a1m a 25a :	11,5%
+ de 25 anos:	3,0%
não respond.:	2,0%

- Idade do filho mais moço que reside em casa:

de 0 a 5a:	31,0%
5a1m a 10a:	34,5%
10a1m a 15a:	24,0%
15a1m a 20a:	7,0%
20a1m a 25a:	0,5%
+ de 25 anos:	1,0%
não respond.:	2,0%

- Em casa de seus familiares conversam entre si em:

português:	10,0%
português e alemão:	89,0%
português e italiano:	- (01 informante)
português e outro:	-
não responderam:	1,0%

- Etnia no casamento:

caboclo + caboclo:	3,0%
caboclo + alemão:	3,0%
caboclo + italiano:	-
alemão + alemão:	88,0%
alemão + italiano:	- (01 informante)
outra:	1,0% (01 polonês + alemão; 02 brasileiro + alemão; 01 brasileiro + brasileiro; e 02 alemão + brasileiro)

- Qual foi sua primeira língua?

alemão	91,0%
português:	9,0%
italiano:	- (01 informante)
outra:	-
não respond.:-	(02 informantes)

- Com que idade você aprendeu o português?

entre 0 a 5a:	12,0%
5a1m e 10a:	76,5%
10a1m e 15a:	3,5%
com + de 15a:	2,0%
não respond.:	6,0%

Um informante não aprendeu a falar o português.

Dos dados apurados no questionário nº 01, percebe-se que a maioria dos informantes se situa entre os 30 e 50 anos de idade. A maioria absoluta (90%) é de descendência alemã, falando, preferencialmente, português e alemão. Quanto à mulher do informante, os dados são semelhantes: a maioria situa-se entre os 30 e 50 anos de idade e também é de origem alemã (90%); fala português e alemão. Esclareça-se o seguinte: os restantes 10% que não são de descendência referem-se a um dos cônjuges, não ambos, pois respondiam aos questionários informantes de origem alemã ou que, em casa, tivessem algum familiar desta origem.

A média dos filhos que residem em casa oscila notadamente entre dois ou três; nota-se que boa parte possui mais de três filhos, isto é, quatro (13%), cinco (6%) e até mais (6%). A idade do filho mais velho residente em casa varia entre dez e quinze anos, seguindo-se, em termos de porcentagem, os entre quinze e vinte e os entre cinco e dez anos de idade; quanto ao filho mais moço, a maioria encontra-se na faixa dos de cinco a dez anos, seguidos pelos de zero a cinco e pelos de dez a quinze. Nota-se, pois, uma população predominantemente jovem, que, em casa, conversa entre si mais em português e alemão do que só em português, por exemplo. Contribui para isto, sem dúvida, a etnia no casamento, cuja maioria se constitui de casais descendentes de alemães; em consequência, sua primeira língua foi o alemão (91%), tendo aprendido a falar o português entre cinco e dez anos (76,5%) ou até antes, isto é, entre zero e cinco anos (12%).

2.1.2.2 Questionário nº 02

Religião do informante:

Católica: 33,5%
Evangélica: 59,5%
Luterana: 2,5%
Não respond.: 4,5%

1a- Com referência aos seus pais:

- Quantas crianças teve sua mãe?

01: 4,0%
02: 13,0%
03: 16,0%
04: 14,0%
05: 11,0%
+ de 05: 38,0%
não resp: 4,0%

- Quantas dessas crianças, inclusive você, tiveram o alemão como língua materna?

nenhuma:	6,0%
01:	5,0%
02:	13,0%
03:	16,0%
04:	13,0%
05:	10,0%
+ de 05:	34,0%
não resp.:	3,0%

- Quantas dessas crianças, inclusive você, continuaram falando o alemão até os 21 anos?

nenhuma:	16,0%
01:	7,0%
02:	8,0%
03:	14,0%
04:	10,5%
05:	9,0%
+ de 05:	30,5%
não resp.:	5,0%

- Quantas dessas crianças que alcançaram 21 anos, incluindo você, casaram e continuaram falando o alemão?

nenhuma:	19,0%
01:	7,5%
02:	8,0%
03:	15,0%
04:	11,0%
05:	6,5%
+ de 05:	27,0%
não resp.:	6,0%

- Dessas crianças que, casadas, falam alemão, quantas casaram com falantes alemães?

nenhuma:	19,0%
01:	8,0%
02:	10,0%
03:	13,0%
04:	12,0%
05:	9,0%
+ de 05:	24,0%
não respon.:	5,0%

- Dessas que casaram com falantes alemães, quantas continuam falando alemão com seus filhos?

nenhuma:	22,0%
01:	7,5%
02:	11,0%
03:	12,0%
04:	10,0%
05:	8,5%
+ de 05:	24,0%
não resp.:	5,0%

1b- Das crianças de sua mãe que alcançaram 21 anos, incluindo você:

- Quantas ficaram na localidade?

nenhuma:	14,0%
01:	20,0%
02:	19,0%
03:	19,0%
04:	8,0%
05:	5,0%
+ de 05:	6,0%
não resp.:	9,0%

- Quantas foram residir em outra área do município?

nenhuma:	30,0%
01:	16,0%
02:	13,5%
03:	9,0%
04:	6,0%
05:	5,0%
+ de 05:	9,0%
não resp.:	11,0%

- Quantas foram residir em outros municípios?

nenhuma:	54,0%
01:	17,0%
02:	7,0%
03:	4,0%
04:	2,5%
05:	1,5%
+ de 05:	3,0%
não resp.:	11,0%

- Quantas foram residir em outros municípios por um certo número de anos e depois voltaram?

nenhuma:	70,5%
----------	-------

01:	11,5%	
02:	4,0%	
03:	2,0%	
04:	-	(02 informantes)
05:	-	(02 informantes)
+ de 05:	-	(01 informante)
não resp.:	12,0%	

Na seção 1(1a e 1b) deste questionário, constata-se que a maioria dos informantes é evangélica ou luterana (62%), sendo a população católica de descendência germânica de 33,5%; isto evidencia que, na região de colonização alemã, o maior número de falantes do alemão é de evangélicos, ainda na atualidade, devido a fatos históricos já abordados nessa dissertação.

A família materna dos informantes foi relativamente numerosa (38% com mais de cinco filhos); a maioria, também, teve o alemão como língua materna, continuando a falar alemão até os vinte e um anos e falando alemão após o casamento, ainda que se note um pequeno decréscimo em relação a este último aspecto, o que sintoniza com a porcentagem dos que casaram com falantes alemães (24%). Constata-se, ainda, que, dos que casaram com falantes alemães, a maioria continua falando alemão com seus filhos.

Quanto aos irmãos dos informantes, nem todos permaneceram na localidade de origem: o número oscila entre um e três filhos (das mães dos informantes), sendo significativamente menor a porcentagem dos demais (quatro filhos 8%; cinco, 5%; mais de cinco, 6%). Observou-se também um acréscimo dos que não responderam, o que leva a crer desconhecemos o paradeiro dos irmãos. Dos que não permaneceram na localidade, uma média de dois mudaram-se para outra área do município e um partiu para outros municípios; destes, a maioria retornou após alguns anos.

2a. Quando você era criança, você falava alemão:

	Sempre	C/freq.	Nunca	N-res.
a. Com seus pais.	79,0%	11,0%	6,0%	4,0%
b. Com seus avós.	82,0%	6,5%	7,5%	4,0%
c. Com seus irmãos e irmãs mais velhos que você.	63,5%	18,0%	10,5%	8,0%
d. Com seus irmãos e irmãs mais moços que você.	61,0%	18,0%	11,5%	9,5%
e. Com seus colegas de brincar.	50,0%	36,0%	10,0%	4,0%
f. Com seus parentes.	64,0%	23,0%	8,0%	5,0%

	Sempre	C/freq.	Nunca	N-res.
g. Com o vigário da paróquia.	45,0%	30,0%	18,0%	7,0%
h. Com as autoridades do município.	17,5%	36,5%	36,5%	9,5%
i. Com as famílias da localidade.	62,0%	25,5%	7,0%	5,5%

Leia-se, encabeçando as colunas, os termos "com freqüência" para "C/freq."; e "não responderam" para "N-res."

Observemos agora o desempenho dos itens 2b, 3, 4, 5 e 6, que comentaremos após a exposição dos dados coletados.

2b. Como adulto, você continua falando alemão:

	Sempre	C/freq.	Nunca	N-res.
a. Com seus pais.	69,0%	18,0%	7,0%	6,0%
b. Com seus avós.	73,5%	8,0%	8,0%	10,5%
c. Com seus irmãos e irmãs mais velhos que você.	55,5%	26,5%	8,5%	9,5%
d. Com seus irmãos e irmãs mais moços que você.	53,0%	25,5%	10,0%	11,5%
e. Com seus antigos colegas de brincar.	45,5%	40,0%	10,0%	4,5%
f. Com seus parentes.	54,5%	33,5%	8,0%	4,0%
g. Com o vigário da paróquia.	39,5%	36,5%	19,0%	4,5%
h. Com as autoridades do município.	13,0%	41,0%	38,5%	7,5%
i. Com as famílias da localidade.	52,0%	36,5%	6,0%	5,5%
J. Com sua esposa.	54,5%	16,0%	7,5%	22,0%
l. Com seus filhos.	43,0%	27,0%	8,0%	22,0%

3. Se você souber que um recém-chegado na sua rua ou na sua vizinhança é falante alemão, você fala com ele:

- em alemão: 54,0%
- em português: 10,0%
- em ambas as línguas: 33,0%
- não responderam: 3,0%

4. Responda as questões abaixo assinalando a coluna do quadro que é correta para você:

	Sempre	C/freq.	Nunca	N-res.
a. Eu leio jornais e revistas em alemão.	3,5%	19,0%	74,0%	3,5%
b. Eu leio a Bíblia em alemão	15,0%	16,0%	65,5%	3,5%
c. Eu escuto música alemã.	13,5%	62,5%	19,5%	4,5%
d. Eu uso alemão em minha cor- respondência.	9,5%	16,0%	69,5%	5,0%
e. Eu falo alemão com meus co- legas de trabalho.	36,5%	48,5%	11,0%	4,0%
f. Eu falo alemão com meus pa- trões ou chefes.	26,0%	35,0%	23,0%	16,0%
g. Eu rezo em alemão.	27,0%	41,5%	28,0%	3,5%
h. Eu sonho em alemão.	24,0%	43,5%	25,5%	7,0%
i. Eu blasfemo em alemão.	20,5%	38,5%	26,0%	15,0%
j. Eu falo em alemão com o po- vo de outras áreas do muni- cípio.	20,5%	57,5%	16,5%	5,5%
l. Eu falo alemão durante os jogos de azar.	27,0%	43,0%	21,0%	9,0%
m. Eu discuto assuntos da a- tualidade em alemão.	28,0%	50,0%	17,0%	5,0%

5. Com referência ao povo de sua localidade, que é descendente de alemães:

	Sempre	C/freq.	Nunca	N-res.
a. Eu prefiro falar alemão com o povo local mais velho que eu.	70,5%	20,5%	7,0%	2,0%
b. Eu prefiro falar alemão com o povo local que tem quase a mesma idade que a minha.	53,0%	33,0%	11,0%	3,0%
c. Eu prefiro falar alemão com o povo local mais moço que eu.	40,0%	42,0%	15,0%	3,0%
d. Eu prefiro não falar alemão sempre que alguém da localidade se dirige a mim em alemão.	34,0%	16,5%	45,0%	4,5%

6. Assinale uma das proposições abaixo à qual se aplica a seguinte questão: EU ENTENDO OS DIALETOS ALEMÃES FALADOS EM

TODAS AS ÁREAS DO MUNICÍPIO:

- 35,0%: não totalmente.
- 17,0%: somente umas poucas palavras aqui e ali.
- 14,0%: somente o necessário para conseguir a idéia principal daquilo que eles dizem.
- 27,5%: perfeitamente.
- 6,5%: não responderam.

Durante a infância, os informantes, na sua boa maioria, falavam tanto alemão com seus pais e avós, como com os irmãos, os colegas de brincar, com os parentes, com as famílias da localidade e, um pouco em menor escala (45,0%), com o vigário da paróquia. Isto o tempo todo, quer dizer, sempre. Já com as autoridades do município, ocorria o contrário: 36,5% falava com freqüência alemão com as mesmas; outro tanto, nunca. Quadro semelhante se observa no desempenho após adultos; agora, também continuam falando alemão sempre, na sua maioria, tanto com suas esposas como com os filhos. Como curiosidade, despertou-nos atenção a considerável abstenção de respostas (22%) com relação aos itens "j" e "l" do questionário 2b, cuja causa não conseguimos detectar.

Na atualidade, nota-se, ainda, que nas relações com vizinhos, o contato é realizado, predominantemente, em alemão (54%), ocorrendo também com freqüência em ambas as línguas (33%) e em menor escala só em português (10%).

Quanto ao uso do alemão em situações do cotidiano, tanto no lar como na relação externa, constatou-se que os falantes alemães de Sinimbu quase nunca lêem jornais e revistas em alemão, nem a Bíblia, não costumando usá-lo também em sua correspondência. Isto nos remete a duas possíveis causas: os informantes não costumam ler nem escrever, seja em alemão ou português, já por não ser exigência de seu modo de vida; ou eles não sabem ler nem escrever em alemão. Acresça-se a isto o reduzido número de publicações em língua alemã, como jornais e revistas, existente, pelo menos ao alcance do público em geral.

A música alemã, por outro lado, é bastante ouvida, talvez devido à programação regular das emissoras de rádio do município, com programas de bandinhas alemãs, muito difundidas nesta região.

O alemão é empregado com freqüência, ainda, nas situações comunicativas com colegas de trabalho, com patrões, com pessoas de outras áreas do município; e na discussão de assuntos da atualidade, bem como em reuniões de jogos de azar. O descendente germânico também costuma rezar, sonhar e blasfemar em alemão, o que evidencia a internalização deste idioma, integrando sua competência interior.

Com relação ao povo de Sinimbu descendente de alemães, os informantes afirmam, na sua maioria, sempre preferirem falar alemão tanto com pessoas mais velhas (70,5%) como com as da mesma idade (53%); preferem, com frequência, fazê-lo com pessoas mais jovens (42%). Por outro lado, se alguém da localidade a eles se dirige em alemão, 34% disseram preferirem não falar alemão, com o que a maioria, entretanto, não concordou (45%). Assim mesmo, porém, fica notória uma certa contradição entre as respostas aos itens 5a, 5b, 5c e a fornecida no item 5d: por um lado, preferem falar alemão nas relações com terceiros (fora do lar); por outro, não. Conclui-se que ou os informantes não entenderam bem as perguntas formuladas (ou, mais especificamente, a última) ou, então, reavaliaram suas respostas aos três primeiros itens, no último item.

Finalmente, segundo os informantes, não é grande seu conhecimento com relação aos dialetos alemães falados em outras áreas que não a sua: apenas 27,5% afirmaram entendê-los perfeitamente; a maioria alega compreensão relativa.

2.1.2.3 Questionário nº 03

Seção A - As principais razões de eu estar contente em ser de origem alemã são:

	Conc.	Indec.	Disc.	N-res.
a. O alemão é a língua do povo dos meus antepassados.	85,5%	8,0%	2,5%	4,0%
b. Ele está se alastrando cada vez mais como língua.	28,0%	43,5%	22,5%	6,0%
c. O alemão é uma língua muito rica e expressiva.	65,0%	23,5%	6,5%	5,0%
d. Ele é a língua dos meus amigos e vizinhos.	82,0%	10,5%	4,0%	3,5%
e. Eu falo alemão para guardar viva a tradição dos meus antepassados.	71,0%	15,0%	10,0%	4,0%
f. Eu posso compreender melhor as músicas alemãs que são transmitidas pelo rádio ou TV.	44,0%	26,0%	25,5%	4,5%
g. Eu posso falar em alemão com o povo de outras áreas do município.	72,0%	15,5%	8,5%	4,0%

	Conc.	Indec.	Disc.	N-res.
h. O alemão é uma língua bonita de se ouvir e falar.	78,5%	12,0%	5,0%	4,5%
i. Eu gosto de ouvir falar alemão.	82,0%	9,5%	3,5%	5,0%
j. Devemos trabalhar para salvar a língua alemã.	67,0%	21,0%	7,5%	4,5%
l. Como todo o povo brasileiro fala português, é um desperdício de tempo ficar falando alemão.	11,5%	15,5%	68,0%	5,0%
m. O alemão é uma língua difícil.	32,0%	18,0%	44,5%	5,5%

Leia-se, encabegando as colunas, "Concordo" para "Conc."; "Indeciso" para "Indec."; "Discordo" para "Disc." e "Não responderam" para "N-res."

Esta seção, com questões acerca de valores, demonstrou que os informantes, enquanto reconhecem ser o alemão o idioma dos seus antepassados, dizendo falarem alemão para guardar viva a tradição dos seus antepassados, e que é uma língua muito rica e expressiva, têm dúvidas quanto a se está se alastrando como língua atualmente. Ao mesmo tempo, reconhecem o alemão como uma língua bonita de se ouvir e falar, não o achando uma língua difícil; o conhecimento da língua alemã lhes possibilita o contato em alemão com o povo de outras áreas do município. Em suma, gostam de ouvir falar alemão e são de opinião de que se deve trabalhar para salvar a língua alemã, discordando da idéia de que seja um desperdício de tempo ficar falando alemão num país onde todo o povo fala português.

Seção B - Assinale o quadro que expressa melhor o que você sente:

	Conc.	Indec.	Disc.	N-res.
a. O tempo de escola pode ser usado para matérias mais práticas do que estudar alemão.	29,5%	38,0%	28,0%	4,5%
b. O alemão tem uma beleza toda própria.	61,0%	28,0%	6,0%	5,0%
c. Continuar a manter vivo o alemão é regredir.	23,5%	17,5%	53,0%	6,0%
d. Poderia ser dado mais tempo ao alemão no rádio e na TV.	60,5%	22,5%	12,0%	5,0%

	Conc.	Indec.	Disc.	N-res.
e. O alemão pode ser ensinado em todo o país.	62,0%	21,5%	12,0%	4,5%
f. O alemão pode ser ensinado só nas regiões de colonização alemã.	20,5%	19,0%	56,0%	4,5%
g. Os brasileiros têm seu falar próprio e não precisam de uma língua estrangeira como o alemão.	14,0%	26,0%	54,5%	5,5%
h. O português deve perdurar por mais tempo que o alemão.	30,0%	45,0%	19,0%	6,0%
i. Não é aconselhável ensinar alemão no Brasil, quando a língua oficial é o português.	19,0%	22,0%	54,0%	5,0%
j. Você é considerado pertencer a uma classe mais culta se souber falar alemão.	47,5%	34,5%	11,5%	6,5%
l. O homem brasileiro que não aprendeu português não pode ser considerado brasileiro.	17,5%	16,5%	61,0%	5,0%
m. O português é uma língua mais bonita que o alemão.	26,5%	47,0%	22,5%	4,0%
n. O português ajuda mais a estudar matérias científicas do que o alemão.	50,0%	31,5%	14,0%	4,5%
o. O português deve tornar-se mais importante no futuro no Brasil.	14,0%	28,5%	52,5%	5,0%
p. O alemão não é flexível ao ponto de tornar-se necessário o seu uso nos tempos atuais.	16,0%	54,5%	21,5%	8,0%
q. O alemão deve ser preservado porque é parte da atual história do Brasil.	66,5%	22,5%	5,5%	5,5%
r. A preservação do alemão é um empecilho para se obter melhores chances de vida.	41,5%	29,0%	24,0%	5,5%
s. A língua alemã é também difícil para os outros aprenderem.	54,0%	21,0%	20,5%	4,5%

Seção C - Assinale o quadro que corresponde mais ao seu sentimento:

	Conc.	Indec.	Disc.	N-res.
a. A língua alemã deve ser preservada pela riqueza de sua literatura e pela sua música.	67,0%	23,5%	4,5%	5,0%
b. O alemão não oferece vantagens práticas na vida.	16,0%	20,0%	59,0%	5,0%
c. Deverá haver maior uso do alemão na administração pública do Brasil.	45,5%	34,0%	16,5%	4,0%
d. A preservação do alemão é uma idéia irreal.	11,0%	25,5%	56,5%	7,0%
e. Escolas que ensinam a aprender mais de uma língua devem ser encorajadas.	60,5%	21,0%	12,5%	6,0%
f. Falar duas línguas é uma vantagem intelectual.	79,0%	14,0%	3,0%	4,0%
g. O alemão deve ser ensinado no Brasil nas escolas de 1º Grau.	56,5%	22,0%	18,0%	3,5%
h. O alemão deve ser ensinado nas escolas de 2º Grau.	61,0%	27,0%	7,5%	4,5%
i. O alemão deve ser ensinado no Brasil nas Faculdades.	61,0%	24,0%	10,5%	4,5%
j. O currículo escolar é bastante completo para permitir a inclusão do alemão.	24,0%	46,5%	23,0%	6,5%
l. O alemão é uma língua difícil de aprender.	42,5%	18,5%	33,5%	5,5%
m. Há uma grande parte de coisas mais úteis a fazer do que gastar tempo em aprender a falar o alemão.	17,5%	22,5%	55,5%	4,5%
n. O alemão é uma língua que vale a pena aprender.	79,0%	11,5%	5,5%	4,0%
o. O alemão não tem valor no mundo moderno.	13,5%	17,5%	64,5%	4,5%
p. Eu gostaria de ser capaz de ler os livros alemães.	72,0%	13,0%	10,5%	4,5%
q. Alguém que lê alemão pode ter maiores chances de progresso.	69,0%	20,5%	6,5%	4,0%
r. Não há necessidade de continuar a falar alemão por causa da tradição.	13,0%	21,5%	60,0%	5,5%
s. Eu preciso continuar a falar alemão para ajudar o desenvolvimento do Brasil.	46,0%	36,0%	13,5%	4,5%
t. O fato de falar alemão não ajuda a pessoa a obter um em				

	Conc.	Indec.	Disc.	N-res.
prego melhor.	26,0%	17,5%	52,5%	4,0%
u. Não se pode ser um verdadeiro brasileiro falando alemão.	17,0%	13,5%	65,0%	4,5%

Neste questionário nº 03, várias das proposições se repetiam, justamente para averiguar o grau de convicção dos informantes, procurando detectar sua real opinião.

Algumas incoerências ocorrem, como, aliás, é considerado normal em questionários deste tipo: enquanto na Seção A os informantes que acham o alemão difícil totalizavam apenas 32% (m), na Seção C, esta opinião aumentava para 42,5% (l) e, na B, para 54% (s), julgando-o, neste último caso, difícil para os outros aprenderem. Por esta mesma ordem, sucessivamente, 44,5% (m) discordavam dessa premissa, diminuindo a média para 33,5% (l), até cair para 20,5% (s). O que teria levado a esta incoerência? Falta de sinceridade? Intuitivamente, cremos ter-se atribuído às outras questões que foram sendo respondidas, o que afetava a opinião dos informantes: se, no início, achavam fácil o alemão, à medida que iam sendo "alertados" por premissas versando sobre a importância e difusão do alemão, talvez fossem se intimidando, reavaliando, assim, sua resposta anterior.

Por outro lado, enquanto na Seção A não achavam ser um desperdício de tempo falar alemão num país onde todos falam português (l-68%), continuaram mantendo esta mesma posição ao se manifestarem contra idéias tais como: os brasileiros têm seu falar próprio e não precisam de uma língua estrangeira como o alemão (54,5%); o homem brasileiro que não aprendeu português não pode ser considerado brasileiro (61%); a preservação do alemão é uma idéia irreal (56,5%); há coisas mais úteis a fazer do que gastar tempo em aprender a falar alemão (55,5%); o alemão não tem valor no mundo moderno (64,5%); não se pode ser um verdadeiro brasileiro falando alemão (65%).

Observa-se que os bilíngües germânicos de Sinimbu possuem noção exata da importância histórica dos seus antepassados. Isto se evidencia em opiniões no sentido de que o alemão deve ser preservado por ser parte da atual história do Brasil (66,5%), discordando de que seja sinônimo de regressão continuar a manter vivo este idioma (53%). Também são de opinião que o alemão possui uma beleza toda própria (61%), concordando com a hipótese de que a pessoa que fala alemão é considerada mais culta (47,5%); pensam, ainda, que a língua alemã deve ser preservada pela riqueza de sua literatura e sua música (67%), que lhe deve ser reservado maior espaço no rádio e na TV (60,5%), concordando com ser uma vantagem intelectual o conhecimento de duas língüas (79%).

Ao manifestarem desejo de poderem ser capazes de ler livros alemães (72%), comprovam nossa segunda hipótese, no sentido de que os informantes nunca leem em alemão, porque não sabem (vide pág.48), o que nos leva a uma conclusão óbvia: o domínio do alemão é predominantemente oral, sendo bastante reduzido o emprego escrito. Associam, inclusive, o fato de saber ler em alemão com a possibilidade de se obterem maiores oportunidades de progresso (69%).

Quanto ao alemão como componente curricular, a grande maioria é de opinião de que ele deva ser ensinado em todo o país (62%), não somente nas regiões de colonização alemã (56%); escolas que ensinam mais de uma língua, segundo os informantes, devem ser encorajadas (60,5%), devendo o alemão ser ensinado tanto nas escolas de 1º grau (56,5%) e 2º grau (61%), como também nas faculdades (61%).

Acham, por outro lado, que o português ajuda mais a estudar matérias científicas do que o alemão (50%), discordando da possibilidade de que o português deva tornar-se menos importante no futuro no Brasil (52,5%).

Manifestaram três dúvidas curiosas: a) quanto a que o currículo escolar já esteja bastante complexo para permitir a inclusão do alemão (46,5%); b) quanto a qual idioma é mais bonito, se o português ou o alemão (47%); e c) quanto a que o alemão deva ser mais usado na administração pública e na vida pública do Brasil (34%). A dúvida manifestada na letra "a" talvez se deva à não compreensão da questão formulada ou, então, por desconhecimento da realidade curricular da escola; a da letra "b", provavelmente seja mera indecisão, sem maiores conseqüências; quanto à resposta da letra "c", assinala-se que 45,5% dos informantes se manifestaram a favor do incremento do alemão na vida pública brasileira, o que evidencia uma observação que tivemos oportunidade de repetir na segunda etapa desta pesquisa: os descendentes teutos, após a fase da segunda Guerra, quando, devido à repressão, era humilhante falar alemão, novamente sentem orgulho de saberem falar alemão; o uso, entretanto, é quase exclusivamente oral.

Por último, enquanto pensam ser a preservação do alemão um empecilho para se obter melhores chances de vida (41,5%), discordam da hipótese de que o mesmo não oferece vantagens práticas (59%) nem ajuda a obter um emprego melhor (52,5%), o que nos colocou novamente diante de uma incoerência cuja explicação não encontramos, a não ser na possibilidade de que talvez tenham confundido o termo "empecilho" com, talvez, "incentivo". Defrontamo-nos, assim, mais uma vez com um problema apontado por Dorian, no sentido de que a aplicação de questionários sem a presença do pesquisador pode gerar dúvidas cuja ausência de esclarecimento pode levar a respostas incorretas.

E, enquanto sentem ser necessário continuar a falar alemão por causa da tradição (60%), também o julgam importante para ajudar o desenvolvimento do país (46%). Em suma, observou-se uma redução de respostas em branco, o que denota a participação e o entendimento das questões propostas, salvo daquela que dizia não ser o alemão flexível ao ponto de tornar-se necessário o seu uso nos tempos atuais, cuja maioria não soube responder (54,5%), observando-se 8% de abstenções; talvez, novamente, devido à não compreensão do termo "flexível", por exemplo.

2.1.2.4 Questionário nº 04

- Assinale a questão abaixo que for correta:

- . 89,5%: Um ou mais de meus avós fala ou falava alemão.
- . 85,5%: O padre ou pastor da minha igreja fala ou falava alemão.
- . 63,5%: Um ou mais de meus professores fala ou falava alemão.
- . 89,0%: Um ou mais de meus vizinhos fala ou falava alemão.
- . 90,5%: Um ou mais de meus amigos fala ou falava alemão.
- . 2,0%: Não responderam.

- Complete as questões abaixo:

a) A(s) língua(s) que minha mãe fala ou falava é(são):

alemão:	46,0%
português:	5,0%
alemão + português:	44,0%
não responderam:	5,0%

b) A(s) língua(s) que meu pai fala ou falava é(são):

alemão:	37,0%
português:	3,0%
alemão + português:	55,0%
outra:	- (01 informante: português + polonês)
não responderam:	5,0%

c) O dialeto alemão que eu falo é:

Hunsrück:	6,5%
Pomerano:	5,0%
outros:	5,0% (22 informantes: Hochdeutsch; 01 informante: Plattdeutsch)
não sabem:	81,5%
não respond.:	2,0%

d) A região da Alemanha de onde vieram os meus antepassados
é:

não responderam: 87,5%
responderam: 12,5%

Dos que responderam, é a seguinte a distribuição da sua origem:

- d1. do norte: POMERÂNIA: 28,5%
Hamburgo: 5,0%
Holstein: 3,5%
- d2. do nordeste: PRÚSSIA: 1,5%
Stralsund: 1,5%
- d3. do centro-norte: SAXONIA: 1,5%
Hannover: 1,5%
- d4. do oeste e centro-oeste: HUNSRÜCK: 8,5%
RHEINLAND: 3,5%
WESTFÁLIA: 1,5%
Bonn: 3,5%
Frankfurt: 3,5%
Trier: 1,5%
- d5. do leste: Berlim: 5,0%
- d6. do sudeste: Nuremberg: 1,5%
- d7. do sudoeste: Baden-Württemberg: 3,5%
- d8. do Sul: BEIER: 1,5%
BAVIERA: 5,0%
BODENSEE: 1,5%
Munique: 1,5%

Pelos dados fornecidos, depreende-se que a maioria dos antepassados que vieram da Alemanha eram oriundos notadamente do norte (37,0%) e do centro-oeste (22%). Algumas informações foram um tanto vagas, tais como Alemanha Ocidental (8,5%), Suíça (1,5%); por outro lado, interpretamos a informação "Baier-Mosel" como "Beier", "Nova Colônia" como "Colônia" (o que acrescenta mais 1,5% à região centro-oeste) e "Jacksen" como "Sachsen", isto é, "Saxônia". Não pudemos aproveitar as informações "Frankreicht" (1,5%) nem "Prüdal" (1,5%), que desconhecemos e não conseguimos localizar no mapa da Alemanha.

Igualmente, o termo "região" foi, por vezes, substituído, nas informações, por "cidades"; para maior clareza, decidimos, então, grafar a primeira em maiúsculas e a segunda, apenas com inicial maiúscula.

e) O lugar do Rio Grande do Sul de onde vieram meus pais ou avós é:

não responderam: 42,5%
responderam: 57,5%

Dos que responderam, é a seguinte a distribuição do seu local de origem:

e1. <u>da própria localidade de Sinimbu:</u>	27,0%
e2. <u>de Santa Cruz do Sul:</u>	59,0%
e3. <u>de outros municípios:</u>	13,5%
e4. <u>de Santa Catarina:</u>	0,5%

Neste último questionário, comprovou-se a expectativa inicial e já verificada nos questionários anteriores, conforme o exposto até aqui: nas relações tanto familiares quanto fora do lar, em Sinimbu o idioma empregado é o alemão. Quanto aos pais dos informantes, no que se refere ao lado materno, predominou o alemão (46%), seguido de perto pelo alemão + português (44%); no lado paterno, o inverso: 55% falam ou falavam alemão + português, enquanto 37% somente alemão. A explicação, por certo, é o fato de a mulher permanecer, normalmente, mais tempo em casa, no lar, onde se fala o alemão; quanto ao homem, no trato com pessoas de fora, seja nos negócios ou no lazer, tem contato maior com a língua portuguesa.

Quanto ao dialeto alemão falado pelos informantes, é geral o desconhecimento, o que se evidencia na grande abstenção de resposta (81,5% não sabem + 2% não responderam); idêntica situação ocorre em relação à origem dos antepassados: desconhece-se de que região da Alemanha vieram (87,5% não responderam), assim como uma porção significativa não respondeu o local de origem, no Rio Grande do Sul, no total de 42,5%.

2.1.3. Conclusão da primeira etapa

Analisando os dados coletados pela aplicação dos questionários a 481 informantes, ficou caracterizada, nitidamente, a localidade de Sinimbu, como uma comunidade ativamente bilingüe, que ainda hoje, talvez mais do que em épocas anteriores, preserva e valoriza a língua e a cultura germânica. Ao menos tal nos parece, segundo o estudo das informações recebidas.

O uso do alemão, entretanto, é muito mais oral do que na língua escrita, da qual, segundo os dados, têm conhecimento mínimo. Talvez este seja um dos motivos por que mani-

festam opinião favorável ao ensino da língua alemã em todos os níveis, como uma forma de preservá-lo ativo, ao lado do português. A necessidade do ensino do alemão nas escolas, aliás, enquanto garantia de sua preservação, por certo trará consigo mais uma consequência: a conservação da memória histórica dos falantes, em relação à sua origem, já que uma porcentagem muito significativa ignora ou esqueceu o local da Alemanha de onde vieram seus antepassados, o que não acontece com aquela parcela de informantes cujos antecessores são oriundos de outras regiões do Rio Grande do Sul.

2.2 Segunda etapa

A segunda etapa desta pesquisa foi aplicada aos informantes entre setembro e novembro de 1986. Foram preparadas, ao todo, quatro baterias de testes, a fim de detectar a fluência dos informantes germânicos tanto em português quanto em alemão. Os dois primeiros testes, cada um com cem questões, consistiam de palavras em alemão para serem ditas em português e vice-versa; os dois últimos, cada um com vinte questões, consistindo de frases em alemão para serem ditas em português e vice-versa. Para se elaborarem os testes, tomou-se por base o trabalho de Zanella (1985), adaptando-os para a língua alemã. Teve-se o cuidado, também, seguindo sugestão do orientador, prof. Vandresen, de, ao elaborar os testes, procurar aplicar expressões que fossem realmente do conhecimento dos falantes, integrando seu cotidiano. Apesar de tudo, entretanto, houve a aplicação de palavras como "paletó" e "bezerro" e, nas frases, o uso de expressões como "verwundert", "Grüße", por exemplo, que, segundo pudemos perceber, não são muito familiares, como se constatou pelas respostas obtidas.

2.2.1 Os informantes

A primeira etapa da pesquisa abrangera 481 informantes. Para a segunda, era preciso reduzir este contingente, o que foi feito, segundo o seguinte critério: escolas com menos de 20 informantes na primeira etapa, seriam, na segunda, representadas por um informante; escolas com 20 até 40 informantes, por dois informantes; e escolas com mais de 40 informantes, por três informantes. Isto totalizou trinta informantes atingidos pela segunda etapa, conforme descrição abaixo:

ESCOLA	Nº DE INFORMANTES	
	1ª etapa	2ª etapa
Nossa Senhora da Glória	180	03

ESCOLA	Nº DE INFORMANTES	
	1ª etapa	2ª etapa
Esc. Est. Frederico Kops	26	02
Esc. Mun. André Klarmann	11	01
Esc. Mun. Barão de Santo Angelo	13	01
Esc. Mun. Carlos Aloysio Hoppe	18	01
Esc. Mun. Carlos Boettcher Filho	38	02
Esc. Mun. Cruzeiro do Sul	10	01
Esc. Mun. Euclides da Cunha	20	02
Esc. Mun. José Bonifácio de A. e Silva	21	02
Esc. Mun. Menino Jesus	07	01
Esc. Mun. Padre José de Anchieta	08	01
Esc. Mun. Pinheiro Machado	12	01
Esc. Mun. Primavera	17	01
Esc. Mun. Riachuelo	09	01
Esc. Mun. Santa Terezinha	12	01
Esc. Mun. Santos Dumont	23	02
Esc. Mun. Vereador Erich Kuentzer	22	02
Esc. Mun. São Pedro	07	01
Esc. Mun. Vera Cruz	09	01
Esc. Mun. Vicente de Carvalho	04	01
Esc. Mun. Vinte de Setembro	06	01
Esc. Mun. Pastor Willi Hermann Schiemann	08	01

Nosso procedimento usual era o seguinte:

De posse de todos os questionários respondidos por determinada escola, entrávamos em contato, pessoalmente, com o(a) professor (a) ou diretor (a) encarregado(a). Já nos conhecíamos da etapa anterior; logo, o contato foi sempre bem mais rápido. Mostrava-lhe os questionários respondidos: às vezes estavam sem o nome, já que fora facultativo colocá-lo nos questionários. Como normalmente o professor se recordava de quem tinha preenchido os questionários, pedíamos que nos indicasse um ou dois informantes que residissem próximo dali e que, segundo o mesmo professor, estivesse disposto a colaborar conosco. Não raras vezes, a casa estava vazia, já que nessa época (primavera) as famílias estavam nas lavouras, limpando os canteiros de fumo. Se a mesma não ficasse muito distante, dirigíamo-nos para lá; caso contrário, optávamos por um próximo possível informante. Não conhecíamos nenhum dos informantes: a única medida mais calculada era a da distância, por motivo de economia de tempo; e como normalmente estávamos desacompanhados, não seria interessante enveredarmos por caminhos ermos em demasia, a pé, sujeitos a picadas de cobras e aranhas, comuns nessa época. Estes meros detalhes, no nosso entender, não podem absolutamente ser ignorados,

sob pena de estarmos sujeitos a uma interrupção indesejada do trabalho empreendido. Apesar disso, entretanto, cremos ter observado o critério da amostragem aleatória, considerado básico para este tipo de coleta de dados.

Encontrado o candidato a informante, entrávamos em contato com o mesmo. Na maioria das vezes, já sabíamos em que idioma cumprimentar (o alemão); em caso de dúvida, dizíamos um "Bom dia!" ou "Boa tarde", para em seguida passarmos a falar alemão. Motivo: em todos os falantes bilíngües assinalamos um sotaque teuto característico, sendo que em seis deles, pouco e em três, muito pouco (nºs 24, 25 e 30).

Tarallo (1985:27) aconselha que jamais se deixe claro que o objetivo é estudar a língua como é usada pela comunidade; deve-se também esclarecer sempre ao informante que a fita gravada poderá ser inutilizada a pedido do entrevistado, na presença do mesmo; deve-se procurar, ainda, acomodar o comportamento social e lingüístico ao da comunidade entrevistada; deve-se entrar na comunidade através de terceiros, ou seja, de pessoas já devidamente aceitas pela comunidade.

Ao iniciarmos o contato com nosso entrevistado, apresentávamo-nos como professora, na faculdade, que estava fazendo um levantamento para descobrir se as pessoas de Sinimbu ainda falam muito alemão, ou se já preferem o português. Esclarecíamos termos vindo recém da escola e falado com o professor, que nos informara sobre a possibilidade de o entrevistado querer colaborar. Mostrávamos a pilha de questionários a ele, para lembrá-lo da etapa anterior. Em seguida, mas somente após sua aquiescência, tirávamos o gravador da bolsa. Em resposta à reação que se seguia - às vezes de espanto com alguma contrariedade -, explicávamos não haver motivos para preocupação, já que a entrevista era anônima e em hipótese alguma seria usada para outro objetivo a não ser o desta pesquisa. O aspecto do gravador contribui para desintimidar nosso interlocutor: pequeno, com microfone embutido, a pilha, do tipo do usado por repórteres. Explicávamos que não queríamos tirar o tempo de ninguém, que entenderíamos caso alguém se recusasse a colaborar, mas acentuávamos quão importante seria a compreensão e a colaboração.

Seja por estas explicações, seja pelo fato de, na maior parte do tempo falarmos alemão - também com interferência do português, pois nossa proficiência é relativa, diante de determinadas expressões -, o certo é que acomodamos ao do entrevistado nosso comportamento social e lingüístico. O resultado: dos trinta informantes abordados, nenhum se recusou a se submeter aos testes. Estes tinham uma duração média de trinta minutos, dependendo do desembaraço do entrevistado. Mas jamais cumpríamos cada entrevista em menos de cinquenta, devido

ao contato extra-teste, onde acabávamos conversando sobre os mais variados assuntos.

Em todos os contatos mantidos - primeiro, com professor da escola, depois, com os informantes -, consideramos de fundamental importância um comportamento franco e pleno de disposição. A aplicação deste tipo de teste, considerando o número de palavras e frases, é cansativa para ambos os lados. No tocante ao pesquisador que os aplica ele próprio, o cansaço aumenta consideravelmente, a ponto de se tornar monótono. Ao menos no nosso caso, porém, computamos um saldo positivo, no sentido de uniformidade no tipo de tratamento dispensado a cada informante, o que, por sua vez, garantirá maior fidelidade e uniformidade nas respostas. Tem-se, por outro lado, oportunidade de localizar, em tempo, falhas no que respeita à aplicação dos testes. Como exemplo; mencionamos o termo "vier" (quatro), cuja tradução deixava o informante em dúvida. Até que, a partir do informante número 09, decidimos reforçar com "ein, zwei, drei" (um, dois, três): "vier" vinha incontinenti. O que pode parecer uma indução a uma resposta correta tem a seguinte justificativa: não nos parecia possível que o informante desconhecesse logo um número tão comum; algo havia de errado e nos cabia corrigir.

Apresentamos agora um perfil dos informantes; são dezessete do sexo masculino (M) e treze, do feminino (F). A idade será colocada aproximada: primeiro, para preservar o anonimato dos informantes e, em segundo lugar, por não sabermos, por vezes, a idade exata, já que alguns questionários da primeira etapa foram preenchidos sem o nome. As fitas gravadas, por sua vez, em número de treze (com duração de uma hora cada) poderão ser consultadas, sempre que necessário, estando acompanhadas da relação com a ordem dos informantes (01 até 30).

Informante nº 01: M - aproximadamente 40 anos.

Trabalha numa firma comercial, no centro de Sinimbu; estava de férias e construía um muro e/ou entrada de carro em casa, com auxílio de um pedreiro. O tempo estava claro, limpo, ouvindo-se grande alarido de sabiás. É um dos que não souberam "bezerro" e "paletó" em alemão, provavelmente por desconhecer o significado do termo em português. A entrevista foi realizada ao ar livre, diante da casa.

Informante nº 02: M - aproximadamente 42 anos.

É agricultor e se encontrava em casa no momento. Demonstrou bastante insegurança, talvez intimidado pelo gravador. Era por vezes auxiliado pela esposa. É um dos que traduziram "vierzig" como "pêssego" (e não "quarenta), certamen-

te por analogia fonológica com "Pfirsich".

Informante nº 03: M - aproximadamente 42 anos.

Comerciário, trabalha num supermercado. Os testes foram realizados nos fundos do mesmo, no depósito, pois o informante não desejava ser ouvido pelos seus conhecidos. São dele diversas analogias de ordem fonológica, tais como: para "Sache" ("coisa"), respondeu "dizer"; para "erinnern" ("lembrar"), "dentro"; para "vier" ("quatro"), "a favor"; para "Leid" ("sofrimento"), "gente"; para "halb" ("metade"), "parar"; para "verwundert" ("admirada"), "lesionada" (no sentido de lesada), significando respectivamente, "sagen", "innen", "für", "Leute", "Halt!" e "verwundet".

Informante nº 04: M - aproximadamente 40 anos.

Também do comércio, trabalha numa loja, na vila. Igualmente, interpretou "Sache" como "dizer", "Lieder" ("cantos") como "presidente, responsável" (por analogia a "líder", em português), "allgemeine" ("todos") como "lugar de idosos" ("Altenheim") e "Schaden" ("prejuízo") como "enxada" (presumivelmente por analogia a "enxada"). Nas frases do alemão para o português, resumiu a maioria delas.

Informante nº 05: M - aproximadamente 30 anos.

Agricultor, trabalhava numa lavoura de fumo, no topo de um monte. O dia claro, sem vento, propiciava alarido de sabiãs e investidas de borrachudos. Na tradução das frases, houve dificuldade para compreender o que devia responder. Um exemplo:

Entrevistadora: - Ich will mal sehen, ob sie aufgehört haben zu spielen oder nicht. ("Quero ver se você parou de jogar ou não").

Informante: - Não, não parei.

E.: - A mesma frase, não a resposta. Ich will 'mal sehen... Como é que fica... Ich...

I: - Eu quero ver... se você parou de jogar ou não.

Notou-se neste informante, assim como em vários outros, maior dificuldade na passagem do alemão para o português, do que o contrário. Foi preciso repetir muitas vezes trechos em separado.

Informante nº 06: F - aproximadamente 37 anos.

Esposa de um agricultor, que demonstrou excessiva indecisão quanto a se respondia aos testes ou não. Para evitar um maior constrangimento, então, concordamos com o oferecimento da mesma, que demonstrou muita vontade de responder aos testes, rindo muito sempre que não se recordava de algum

termo. Notou-se, a exemplo de outros informantes, bastante interferência, tal como:

- Coçar... isto eu não sei, eben schon gesagt ("antes já disse").

Informante nº 07: M - aproximadamente 53 anos.

Foi encontrado na lavoura, a três quilômetros de distância de sua casa. Estava com a esposa, limpando os canteiros de fumo. Os testes foram respondidos no interior de uma Kombi, onde era preparado o almoço, já que, com tempo bom, é preciso ficar na roça o dia inteiro. É dele a seguinte associação fonológica: "estrelas" para "sterben" ("morrer"), por analogia a "Sternen". Mais uma vez, observou-se profusão de sabiãs.

Informante nº 08: F - aproximadamente 29 anos.

Esposa de oleiro. O marido havia saído para levar tijolos a outra localidade. Estava com três crianças pequenas; o menino de sete anos, já na escola, demonstrou melhor desempenho bilíngüe do que a mãe, procurando auxiliá-la, sempre que possível, o que se constata na gravação. Demonstrou (a mãe) um desempenho muito melhor e mais desembaraçado no alemão que no português. Quando lhe perguntamos a tradução de "Fluss" ("rio"), respondeu que não sabia. O garoto então contou que no outro dia haviam todos ido tomar banho no rio. Um motivo do desempenho sofrível da mãe pode ter sido a interrupção freqüente que sofria, por causa de outra criança pequena.

Informante nº 09: M - aproximadamente 45 anos.

Comerciário, trabalha em uma loja, na vila. Bastante loquaz e receptivo, evidenciou desembaraço nas respostas. Foi a partir deste informante que resolvemos esclarecer a palavra "vier", com "ein, zwei, drei", conforme já explicado.

Informante nº 10: F - aproximadamente 50 anos.

Professora de escola unidocente, responsável por quarenta alunos, divididos em dois turnos, da primeira à quarta série. É dela este exemplo de associação fonológica: para "kälte" respondeu "ajudar" ("helfen"), corrigindo em seguida para "frio". Reside numa casa atrás da escola.

Informante nº 11: M - aproximadamente 35 anos.

Dono de uma venda, à beira da estrada, foi assistido por diversas pessoas, como a mulher, algumas crianças e, possivelmente, o sogro, que pareceu bastante interessado em também responder aos testes. Também bem mais fluente no alemão, respondia com muitos "não sei"... Residindo na beira do

rio, traduziu "Fluss" como "mar". Ocorre que a maioria usa o termo "rio". Com um sotaque um pouco mais acentuado, interpretou "coçar" como "spöten" ("gozar"). Observou-se outro aspecto curioso: para "schreien" ("gritar") e "Teller" ("prato") dizia [frája] e [thél:a]; quando esperávamos que o mesmo ocorresse para "beten" ("rezar") ([péda]), a realização fonológica foi [péden], cuja causa não soubemos encontrar.

Informante nº 12: F - aproximadamente 60 anos.

Sogra do informante pretendido. Como residem na mesma casa, tomamos o seu depoimento. Evidenciou imensa dificuldade no português. Empregou diversas vezes "despensar", não sabemos o exato motivo; talvez fosse para significar que não sabia. O local era bastante ermo e, durante a entrevista, desabou um forte temporal, o que quase impossibilitou nossa volta, tal o estado da estrada.

Informante nº 13: F - aproximadamente 33 anos.

Dona de casa, reside numa casa de madeira à beira da estrada. O desempenho do alemão para o português foi igualmente sofrível. Notava-se estar um pouco nervosa, pois argumentava com frequência: "Na hora não sei também". Já do português para o alemão, melhorou sensivelmente. O marido, chegando daí a pouco, auxiliou algumas vezes. É dela a associação fonológica "Alo!" ("Alô!" ou "Vamos!") para "alle" ("todos").

Informante nº 14: F - aproximadamente 40 anos.

Professora, numa escola à beira da estrada, estava em aula e fez questão de responder aos testes na presença deles (eram mais ou menos quinze), o que os deixou muito admirados quando percebiam que a professora errava alguma palavra ou não sabia alguma expressão. É dela a seguinte associação fonológica: para "Heimat" ("lar", "pátria"), respondeu "curativo" (associação com "heilen", "curar").

Informante nº 15: M - aproximadamente 40 anos.

Dono de uma venda. Mau desempenho do alemão para o português, apenas identificando palavras soltas. Era preciso explicar-lhe com mais detalhes, como no exemplo abaixo:

- Zeitung ("jornal").
- Não sei.
- Não? Zeitung? (pausa para refletir)
- Ah, gazeta! (nome de um dos jornais do município).

É dele a seguinte associação fonológica e semântica: para "lernen", traduziu "sino", provavelmente associando "sino" com "o ensino". Uma dupla associação, sem dúvida.